

UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO GRANDE DO SULCURSO
DE CIÊNCIAS SOCIAIS

ROSANE MARIA SCHMITT

COMUNICAÇÃO NÃO-VIOLENTA E SUA RELAÇÃO COM A BASE NACIONAL COMUM
CURRICULAR

Tramandaí
2023

ROSANE MARIA SCHMITT

COMUNICAÇÃO NÃO-VIOLENTA E SUA RELAÇÃO COM A
BASE NACIONAL COMUM CURRICULAR

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado como requisito parcial e obrigatório para a obtenção do grau de Licenciada em Ciências Sociais pela Universidade Federal do Rio Grande do Sul.

Orientadora: Prof^a D.ra Marlise Amália Reinehr Dal Forno

Coorientadora: Prof^a Ma. Yara Paulina Cerpa Aranda

Tramandaí

2023

Schmitt, Rosane. Comunicação Não Violenta e a sua relação com a Base Nacional Comum Curricular /Rosane Maria Schmitt. –

Porto Alegre, 2023.47 f.

Orientadora: Marlise Amália Reinehr Dal Forno.

Coorientadora: Yara Paulina Cerpa Aranda

Trabalho de Conclusão de Curso (Ciências Sociais) –
Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Campus Litoral
Norte, Licenciatura em Ciências Sociais, Porto Alegre, BR-RS,
2023.

1.Ambiente Escolar. 2. Base Nacional Comum Curricular. 3.
Comunicação Não- Violenta. I. Dal Forno, Marlise Amália
Reinehr orient. Aranda, Yara Paulina Cerpa II. Título.

Rosane Maria Schmitt

COMUNICAÇÃO NÃO-VIOLENTA E SUA RELAÇÃO COM A
BASE NACIONAL COMUM CURRICULAR

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado como requisito parcial e obrigatório para a obtenção do grau de Licenciada em Ciências Sociais pela Universidade Federal do Rio Grande do Sul.

Orientadora: Prof^a D.ra Marlise Amália Reinehr Dal Forno

Coorientadora: Prof^a Ma. Yara Paulina Cerpa Aranda

Data de aprovação:

24 de janeiro de 2023.

Banca examinadora:

Prof^a. D.ra Marlise
Amália Reinehr Dal
Forno

Prof^a. D.ra Daniela Garcez
Wives

Prof^a. D.ra Gabriela Dias
Blanco

DEDICATÓRIA

Dedico a Deus que é o autor e consumidor da minha fé. Aos meus pais, filhos e esposo, ao meu irmão (in memória), aos amigos (as) de faculdade, irmãos (as) em Cristo Jesus a minha orientadora Marlise Dal Forno e coorientadora Yara Paulina Arandas

AGRADECIMENTOS

Primeiramente quero agradecer a Deus, que ao longo desses 4 anos de faculdade esteve ao meu lado me sustentando nos bons e maus momentos. Que me protegeu, deu sabedoria, inteligência e paciência para persistir em todas as fases do curso de Ciências Sociais, principalmente quando tive a perda do meu único irmão, por ter me dado vitória sobre gestação da minha filha, quando pensei que tivesse que desistir da faculdade, mas pela misericórdia de Deus, consegui concluir os semestres sem precisar passar por avaliação de recuperação.

Aos meus pais, meu esposo e meus filhos, pelo amor, carinho, dedicação e compreensão.

A cada colega da faculdade que com o passar dos dias se tornaram amigos (as), aos professores (as), tutores (as), a minha orientadora professora Marlise e a coorientadora Yara, que sempre com muito zelo e dedicação me ajudaram para que esse trabalho fosse concluído.

“Conheça todas as teorias, domine todas as técnicas, mas ao tocar uma alma humana seja apenas outra alma humana” Carl Gustav Jung (1875-1961).

RESUMO

Este trabalho está suportado nas minhas experiências pessoais com a Comunicação Não-Violenta (CNV), no aprendizado que os cursos de capacitação realizados, nesta área, me permitiram desenvolver e nas experimentações que os Estágios de Docência I e II, realizados durante o Curso de Licenciatura em Ciências Sociais EaD, me revelaram, com objetivo de identificar pontos de fricção, de encontros e de desencontros, entre o que está proposto na CNV e o que está proposto na BNCC, colocando luz nos benefícios que essas duas metodologias podem proporcionar aos processos de aprendizagem, fazendo uma reflexão sobre o socioemocional e como desenvolver relações empáticas no âmbito escolar. Segundo a metodologia comunicacional da CNV (Rosenberg, 2006), as atitudes do ser humano se baseiam em atender as suas necessidades e as necessidades do próximo. Dessa forma, a principal proposta está em fazer com que alunos e professores identifiquem essas necessidades, como o objetivo de obter harmonia e *compaixão* de forma mútua e interpessoal. As implementações dentro do ambiente escolar podem ser baseadas na Base Nacional Comum Curricular (BNCC), documento que traz em seu conteúdo a normatização de processos de aprendizagem essenciais para o bom desenvolvimento do estudante, de acordo com o que o Plano Nacional de Educação (PNE) prevê que sejam asseguradas. Esta pesquisa foi desenvolvida através de revisão bibliográfica com inspiração sistemática da literatura sobre Comunicação Não-Violenta de Marshall Rosenberg e processos circulares da Base Nacional Comum Curricular, com buscas de livros, artigos científicos, periódicos e demais ferramentas disponíveis na internet, com o objetivo de identificar e salientar os benefícios dessas duas metodologias nos processos de aprendizagem. As buscas aconteceram nas plataformas SciELO e Google Acadêmico, com as palavras-chave “ambiente escolar”, “base nacional comum curricular”, “comunicação não-violenta”.

Palavras-chave: Ambiente Escolar, Base Nacional Comum Curricular, Comunicação Não-Violenta

SUMMARY

This work is supported by my personal experiences with Non-Violent Communication (CNV), in the learning that the training courses conducted in this area allowed me to develop and in the experiments that the Teaching Stages I and II, carried out during the Undergraduate Course in Social Sciences EaD, revealed to me, in order to identify points of friction, meetings and mismatches, between what is proposed in the CNV and what is proposed in the BNCC, putting light on the benefits that these two methodologies can provide to learning processes, reflecting on the socio-emotional and how to develop empathic relationships in the school environment. According to the communication methodology of cnv (Rosenberg, 2006), the attitudes of the human being are based on meeting their needs and the needs of others. Thus, the main proposal is to make students and teachers identify these needs, such as the goal of obtaining harmony and compassion in a mutual and interpersonal way. The implementations within the school environment can be based on the National Common Curriculum Base (BNCC), a document that brings in its content the standardization of learning processes essential for the good development of the student, according to what the National Education Plan (PNE) provides for to be Assured. This research was developed through a bibliographic review with systematic inspiration of the literature on Nonviolent Communication by Marschall Rosenberg and circular processes of the National Common Curriculum Base, with searches for books, scientific articles, journals and other tools available on the Internet, with the objective of identifying and highlighting the benefits of these two methodologies in the learning processes. The searches took place on the SciELO and Google Scholar platforms, with the keywords "school environment", "common national curriculum base", "non-violent communication".

Keywords: School Environment, Common National Curricular Base, Non – Violent Communication.

SUMÁRIO

1 INTRODUÇÃO.....	14
2 COMUNICACAO E A VIVENCIA SOCIAL.....	20
2.1 EMPATIA NO ESPAÇO ESCOLAR.....	21
2.1.1 AS EMOÇÕES NO CONTEXTO EDUCACIONAL.....	24
2.2 COMUNICACAO NÃO-VIOLENTA-CNV.....	29
2.2.1 BASE NACIONAL COMUM CURRICULAR-BNCC.....	34
2.2.2 Base Nacional Comum Curricular e a Comunicação Não Violenta.....	39
3 CONSIDERACOES FINAIS.....	44
REFERÊNCIAS.....	47

INTRODUÇÃO

Este trabalho está suportado nas minhas experiências pessoais com a Comunicação Não-Violenta (CNV), no aprendizado que os cursos de capacitação realizados, nesta área, me permitiram desenvolver e nas experimentações que os Estágios de Docência I e II, realizados durante o Curso de Licenciatura em Ciências Sociais EaD, me revelaram.

Durante anos sofri com a questão da comunicação, fui por muitas vezes mal compreendida, devido a palavras e atitudes, bem como gestos em olhares e modo de caminhar. Com o passar do tempo via pessoas que viviam em meu círculo de amizade se afastarem de forma não muito agradável e não tinha entendimento do porquê. Num determinado momento de minha vida um amigo muito próximo fez a seguinte colocação: “não sei por que as pessoas se afastam de você e ficam com raiva de você, pois tu és uma pessoa muito boa”. Até então, não dei muita atenção, pois isso já havia acontecido por muitas vezes e eu nem me preocupava em saber o motivo.

Com o passar dos anos, me casei, e meu esposo fez uma colocação muito semelhante à de meu amigo, incluindo a seguinte frase: “você é uma pessoa muito boa, mas o teu jeito de falar e se movimentar dá a impressão que você sempre quer brigar”. No começo achei que fosse brincadeira, pois para mim não fazia muito sentido o que ele me falava, mas com o passar dos dias percebi que ele falava sério, então comecei a pensar mais sobre algo que, por longos anos, não entendia o que acontecia.

Os anos se passaram, num determinado dia estava estudando e em um vídeo que assistia, ouvi da pessoa que estava ministrando aquele estudo sobre o modo que nos comunicamos, isso despertou em mim uma curiosidade, desde então eu passei a estudar mais sobre o assunto para melhor compreendê-lo. É a partir desse estudo que realizei, mais cursos que participei e informações que colhi, que venho aqui compartilhar e aprender mais sobre a CNV.

Em uma realidade social é comum a reflexão de nossas condutas durante a vida, uma vez que é dentro da esfera social que nos desenvolvemos como indivíduos. É através dessa reflexão que percebemos se nossos valores são os adequados e pertinentes para aquela realidade social, mas também avaliamos a necessidade de modificações, adaptações, reinvenções e, se esse comportamento se estende para o ambiente escolar.

Observamos atualmente uma escola que estimula e motiva o desenvolvimento crítico dos alunos, para torná-los capazes de participar ativamente do processo de aprendizagem. E com as mudanças que são observadas nesse cenário, saímos de um tempo onde somente o

professor detinha o poder de fala, para uma nova realidade onde os alunos podem expressar suas necessidades e serem igualmente acolhidos e compreendidos.

E dentro da sala de aula vemos dois mundos diferentes, o do professor e o dos alunos: cada um com suas excentricidades, formas de lidar com os outros e com os valores que trazem de sua formação educadora familiar. Nessa combinação de mundos, é preciso prestar atenção e manter cuidados para que essa interação se desenvolva de forma saudável e respeitosa.

Durante a jornada acadêmica dentro do curso de Ciências Sociais é possível, desenvolver a compreensão de que as Ciências Sociais são um modo de conhecermos a realidade em nosso âmbito social, onde a cultura dos indivíduos é identificada como produto de relações sociais, que ajuda na construção de identidade, na formação de opinião, na análise de movimentos e conflitos sociais.

E algo difere ainda mais a nossa realidade escolar de hoje daquela que era observada anteriormente, pois vivemos recentemente um cenário atípico com a pandemia da COVID-19, que acarretou em ansiedade, episódios de depressão, insegurança e medos em alunos e professores. A Organização Mundial da Saúde e a Organização das Nações Unidas têm demonstrado preocupação com uma possível crise de saúde mental, pois a interferência da Covid-19 no convívio em sociedade, as apreensões devido ao isolamento e as incertezas sobre as principais áreas da vida, podem estar relacionadas aos aumentos de níveis de ansiedade e estresse em indivíduos saudáveis, pois durante o tempo de pandemia aumentou a necessidade de apoio emocional e medicamentoso, onde é constatado, a indústria farmacêutica aumentou a venda de antidepressivos e de ansiolíticos, pois houve também, provavelmente, intensificação de sintomas pré-existentes em indivíduos já portadores de doenças psiquiátricas (ORNELL, 2020), algo alarmante, uma vez que o Brasil é o país que apresenta maiores índices de indivíduos com ansiedade no mundo (WORLD HEALTH ORGANIZATION, 2017).

Por esses motivos, considero que a utilização da Comunicação Não-Violenta (CNV) pode apresentar-se como algo de grande importância e indispensável no ambiente escolar, para a melhor formação de indivíduos tanto para a sociedade em que convivem, como no próprio âmbito familiar.

Segundo a metodologia comunicacional da CNV (Rosenberg, 2006), as atitudes do ser humano se baseiam em atender as suas necessidades e as necessidades do próximo. Dessa forma, a principal proposta está em fazer com que alunos e professores identifiquem essas necessidades, como o objetivo de obter harmonia e compaixão de forma mútua e interpessoal. Contudo, as implementações dentro do ambiente escolar podem ser baseadas na Base Nacional Comum Curricular (BNCC), documento que traz em seu conteúdo a normatização de processos de aprendizagem essenciais para o bom desenvolvimento do estudante, de acordo com o que o Plano Nacional de Educação (PNE) prevê que sejam asseguradas.

Ofertar uma educação que visa o desenvolvimento integral do estudante, levando em conta toda a sua complexidade e de forma a compreender a não linearidade dentro do processo de educação, rompe com visões reducionistas que levam em consideração ou a dimensão intelectual (cognitiva) ou a dimensão afetiva (BRASIL, 2017). Sendo assim, as chamadas “Habilidades Socioemocionais” ocupam uma posição de destaque no que compete à formação de crianças e adolescentes. Rosenberg (2006) destaca que a CNV tem como base habilidades de comunicação que contribuem com nossa capacidade de ser humano, apesar de condições adversas.

A Base Nacional Comum Curricular (BNCC) é um documento de caráter normativo desenvolvido pelo Ministério da Educação, que prevê um currículo escolar básico, o qual define aprendizagens essenciais que devem ser desenvolvidas pelos alunos e tem como base orientativa princípios éticos, políticos e estéticos, visando uma formação humana integral, inclusiva e de forma democrática (BRASIL, 2017). Por este motivo, os objetos de estudo dessa pesquisa são a teoria da CNV e as diretrizes apresentadas pela BNCC, de modo a compreender qual a correlação entre esses dois temas e sua importância para um melhor convívio entre alunos e professores, além de prezar pela escuta ativa e empática. O objetivo deste trabalho é identificar pontos de fricção, de encontros e de desencontros, entre o que está proposto na CNV e o que está proposto na BNCC, colocando luz nos benefícios que essas duas metodologias podem proporcionar aos processos de aprendizagem.

Durante o período de estágio, ficou evidente como o emocional dos alunos poderiam influenciar em suas compreensões e principalmente na convivência dentro da sala de aula. Observei durante esse período, que as reações emocionais eram diferentes quando eu estava ministrando algum conteúdo em comparação aos momentos onde professoras – já conhecidas pelos alunos – estavam lecionando. Isso chama a atenção, uma vez que é perceptível a influência que os sentimentos exercem sobre os alunos.

No período para o estágio I, em uma turma de EJA na sua totalidade 7, fiz aquilo que Rosenberg sugere, observei atentamente alunos e professores durante as aulas, e procurei identificar quais eram suas necessidades, fiz minhas anotações e as utilizei no período de regência, pois no estágio II iria assumir a mesma turma só que na sua totalidade 8. Pude identificar através das observações colhidas que alguns alunos estavam com o emocional muito abalado, outros com a auto-estima muito baixa, então procurei desenvolver nesse período relações empáticas, estimulando os alunos a se auto-conhecerem e se apresentarem, me colocando a disposição deles, vivenciamos a maioria das aulas em círculo, como sinal que somos todos iguais mesmo com nossas diferenças. Através de diálogos pude compreender e até resolver alguns casos, como a de um aluno que disse em sua apresentação que não falava e nem perguntava nada na sala de aula pois os colegas sempre riam dele e ele se sentia muito chateado. Com essa abertura pude entrar com a CNV, onde mostrei por dentro dessa técnica como resolver esses conflitos dando espaço para que os colegas falassem e ele

também. No final do estágio ele se comunicava bem melhor e todos ouviam sem piadas, minha colega que fez o estágio comigo fez a seguinte colocação, “como voce consegue fazer com que eles prestem tanta atenção em você, eles te escutam atentamente”. A professora de outra matéria ficou impressionada como a turma tinha mudado nesse período, eles estavam mais respeitosos entre si e como os professores.

Além disso, em um dos cursos que participei como parte da complementação de horas para o período acadêmico ser findado, onde o conteúdo sobre Terapias Alternativas era lecionado, pude perceber ainda mais a influência dessas emoções em nosso dia-a-dia, pois muitas delas estão escondidas em nosso inconsciente e são despertadas através de cheiros, lembranças, formas de respostas, enfim, são ativadas como uma resposta àquela situação – por isso, vale compreender ainda mais profundamente o emocional de alunos e professores pois como seres humanos estamos sempre à mercê de passar por esse tipo de mudança comportamental.

O desenvolvimento emocional de alunos e professores tem sua importância ressaltada quando há compreensão de que as emoções são respostas fisiológicas, que podem ter carga positiva ou negativa, e são disparadas através de um estímulo significativo automaticamente (KANDEL, 2014). Justamente por se tratar de um estímulo automático que não é possível exercer um controle sobre aquilo que se vive em uma sala de aula, por exemplo, pois cada aluno e cada professor traz em sua bagagem emocional, cenas, traumas e convicções que dizem respeito somente à sua individualidade.

As emoções exercem grande influência em processos cerebrais, como a aprendizagem e a memória. É imprescindível ter a percepção de nossas emoções, conseguir identificar e rotular cada uma delas, além de exercer controle sobre elas mesmas dentro de um contexto social. Dentro do processo educacional, também conseguimos perceber a importância da interação entre processos cognitivos e emocionais no cérebro (COSENZA; GUERRA, 2011). Além disso, é sempre bom recordar que dentro desses processos existem também algumas feridas que podem estar abertas nos alunos, principalmente quando não há uma justificativa visível para maus comportamentos. É necessária uma reflexão aprofundada sobre quais motivos podem estar levando esse aluno a tal comportamento ou, ainda mais profundamente, entender a complexidade de seus sentimentos e emoções.

O ambiente escolar deve ser entendido como a segunda casa de cada aluno que ali frequenta, que possam sentir a vontade de expor seu censo crítico e, por conseguinte, desenvolvê-lo sem sentir-se oprimido. Assim saberão que é um local onde segurança, bem-estar e um clima favorável são prioridades, de forma que as relações afetivas sejam favorecidas e as diferenças minimizadas, respeitando as particularidades de cada aluno e a forma como sua memória trabalha (RELVAS, 2018). Tratar todos com a mesma empatia, com a mesma sororidade, enfim, compreender todos os mecanismos de defesa que podem ser exercidos por um indivíduo quando as emoções estão “no comando”, deve auxiliar em estreitar relações entre professores e alunos, além de demonstrar como cada história importa sim dentro desse ambiente. O professor desempenha um papel muito importante dentro desse cenário, pois ele é o condutor que leva o aluno ao encontro do conhecimento.

Estudos revelam que não era dessa forma há alguns anos atrás, pois, o professor era o detentor do conhecimento, e o conhecimento acontecia de forma automática e mecânica, tornando o saber algo sem interesse. Hoje, há uma percepção de que aluno e professor se comunicam mais, por vezes o aluno leva um conteúdo para a aula e o professor o escuta, e promove debates com os demais envolvidos nesse processo de aprender ensinar, procedimento metodológico conhecido como “sala de aula invertida”: o aluno vai ao quadro explicar para a turma e para o professor que está na classe, isso ajuda também a empoderar os alunos, a permitir que socializem mais e que compartilhem suas opiniões na sociedade.

Esta pesquisa foi desenvolvida através da revisão bibliográfica com inspiração sistemática sobre Comunicação Não-Violenta e processos circulares da BNCC, com buscas de livros, artigos científicos, periódicos e demais ferramentas disponíveis na internet, com o objetivo de identificar e salientar os benefícios dessas duas metodologias nos processos de aprendizagem. As buscas aconteceram nas plataformas SciELO e Google Acadêmico, com as palavras-chave “comunicação não-violenta”, “ambiente escolar”, “base nacional comum curricular”. Foram considerados estudos realizados nos últimos cinco anos, entretanto, publicações de anos anteriores com autores renomados e de grande importância para o desenvolvimento deste trabalho foram considerados, pois foram entendidos como parte estruturante desta pesquisa.

No cotidiano da escola muitas são as atribuições dadas aos diretores e professores, entre elas o papel de solucionar problemas principalmente aqueles que envolvem alunos que “não se comportam” no âmbito escolar. Nesse contexto, busquei verificar como a mediação de conflitos, Base Nacional Comum Curricular (BNCC) e o uso da Comunicação Não Violenta (CNV) podem contribuir para a melhoria das relações interpessoais entre os discentes e docentes. De forma geral, pretendeu-se refletir sobre o papel da escola juntamente com pais e alunos, e quais as contribuições no sentido de ajudar os professores e os estudantes na superação de dificuldades no que diz respeito as relações dentro da sala de aula. A CNV mostrou-se uma possibilidade como instrumento dentro do espaço escolar para potencializar as ações que buscam a solução

de conflitos escolares. Podendo, portanto, ajudar a promover uma cultura de diálogo dentro da sala de aula, aumentando o respeito e a boa convivência entre estudantes bem como desenvolver um ambiente mais empático.

Nas seções a seguir, serão descritos os referenciais teóricos utilizados para fundamentação dessa revisão bibliográfica com inspiração sistemática que nortearam a construção das percepções para seus resultados.

2.A COMUNICAÇÃO E A CONVIVÊNCIA SOCIAL

A comunicação é uma necessidade básica do ser humano, a linguagem e a cultura se fazem presentes no processo comunicativo, que por sua vez “não possui fronteiras” e são considerados importantes elementos para se conviver harmoniosamente. Segundo o dicionário Houaiss (2020), “comunicar” significa passar informação, ordem, mensagem etc., [a alguém]; transmitir [...] para; possibilitar a ida de um lugar a outro; ligar-se; transmitir por contágio; manter boas relações; entender-se [...]. Ou seja, cada sujeito é, simultaneamente, o destinador e o destinatário de sua própria mensagem, visto que é capaz de ao mesmo tempo, emitir uma mensagem decifrando-a, e em princípio, não emite nada daquilo que não possa decifrar. (Kristeva, 2014).

A língua escrita, conforme anteriormente mencionado, obedece as normas gramaticais e será sempre diferente da língua oral, que é mais solta, espontânea e livre, uma vez que, geralmente, é acompanhada de mímica e entonação, que preenchem importantes e significativos papéis nos processos cotidianos de comunicação. Mas, a língua oral é bem mais sujeita a falhas, ou seja, a linguagem empregada coloquialmente difere substancialmente do padrão culto, que deve seguir as normas gramaticais. (MEDEIROS, 2010; KRISTEVA, 2014).

Segundo Chiavenato (2000, p. 142), a comunicação “é o processo de passar informações e compreensão de uma pessoa para outra. Portanto, toda comunicação influencia pelo menos duas pessoas: quem envia a mensagem e quem a recebe. Se uma pessoa transmitir uma mensagem e esta não for compreendida pela outra pessoa, a comunicação não se efetivou. ”

A comunicação é o “canal” pelo qual o homem se insere na sociedade e adota, assim, os padrões de vida de sua cultura. (BORDENAVE, 2005). Para Medeiros (2010) etimologicamente, comunicação remete aos significados de tornar comum, de fazer saber, de trocar opiniões e isto implica em interação e troca de mensagens.

Pode-se, ainda, encontrar os seguintes significados relacionados à palavra comunicação, no dicionário de Ferreira (2010): participar, fazer saber, pegar, transmitir, estar em comunicação, corresponder-se, propagar-se e transmitir-se. E no dicionário de Michaelis (2015): o ato que envolve a transmissão e a recepção de mensagens entre o transmissor e o receptor, através da linguagem oral, escrita ou gestual, se comunicam por meio de sistemas convencionados de signos e símbolos. Ou seja, a comunicação é um processo de participação de experiências em vários campos do saber, que pode modificar a disposição mental das pessoas envolvidas durante o processo de comunicação.

Ao pensarmos no convívio social e no desenvolvimento de nossas relações, fica evidente a importância de compreender a comunicação como uma maneira efetiva de observarmos as interações acontecendo em harmonia e conformidade. Nas perspectivas apresentadas, não existe variedade linguística que possa ser considerada certa ou errada. As variedades podem ser consideradas adequadas ou inadequadas a uma determinada situação comunicativa. De acordo com essa adequação, a língua é considerada um poderoso instrumento de ação social. A linguagem que utilizamos não transmite somente nossas ideias, transmite também um conjunto de informações sobre quem somos socialmente.

E no ambiente escolar isso não seria diferente, a comunicação é um dos principais pilares de desenvolvimento dos alunos. Nesse ambiente a comunicação muitas vezes não acontece de forma coletiva, pois há alunos com dificuldade de se comunicar e de criar um ciclo social, devido a seus históricos familiares, a diferença de classe social, a região do país em que nasceram, a cultura e sua formação, suas características pessoais. Nesse sentido, a língua pode tanto facilitar quanto dificultar nosso relacionamento com as pessoas e a sociedade de modo geral, dependendo de quem é o nosso interlocutor.

O ser humano durante sua evolução, fez uso de diversas formas de comunicação a fim de criar uma interação com o ambiente e com outros indivíduos, ampliando sua compreensão sobre o mundo (CAMPOS, 2016). Assim, se faz necessário compreender a importância da linguagem do ser humano que também se manifesta por meio da cultura, em todos os aspectos da vida, inclusive no âmbito da comunicação social. Isso significa que, quando há a compreensão de que o ser humano é o reflexo da sua cultura e que, por isso, junto dele estão suas crenças, seus valores, seus hábitos e tabus, faz-se necessário estabelecer relações de respeito à diversidade cultural presente na sociedade e nas organizações.

Essas interações do indivíduo com o ambiente e também com a sociedade, exigem que o processo de comunicação aconteça da forma mais clara possível, para evitar qualquer tipo de ruído que possa surgir entre o envio da mensagem do transmissor para o receptor. Até mesmo nossa postura corporal pode estar comunicando uma mensagem, por isso, devemos nos atentar a qualquer tipo de interferência naquilo que queremos deixar explícito.

Segundo Campos (2016) a comunicação é utilizada pelo ser humano desde os tempos mais remotos, é tida como um instrumento de troca de informação e por meio da comunicação as pessoas dialogam, constroem, desconstroem e se entendem nos diferentes espaços.

O ambiente escolar pode ser visto como um reflexo da sociedade e de suas interações, o que é imprescindível para escolhermos as melhores formas de comunicar o que pretendemos, com a intenção de que o convívio entre alunos e professores ocorra de forma

pacífica e empática. O diretor de cinema Alejandro Jodorowsky em uma de suas frases nos dizem: Entre o que eu penso, o que quero dizer, o que digo e o que você ouve, o que você quer ouvir e o que você acha que entendeu, há um abismo, (Jodorowsky,2017). Observa-se a importância de uma linguagem empática e pacificadora, pois as linguagens estão no mundo e os seres humanos estão nas linguagens.

Para Maser (1975) a comunicação é algo em comum, é partilhar, a troca de opiniões, ou relação entre pessoas no sentido falado. Já, segundo Rosenberg (2006) a comunicação é o ato de falar e ouvir, e é no modo como falamos e ouvimos os outros que está a chave para o problema das desavenças e discórdias, uma vez que a comunicação nos atrai ou nos repele.

Por esse motivo, é necessário diálogo empático para que haja um bom relacionamento entre indivíduos. E, na escola não é diferente, onde é de suma importância o bom relacionamento entre o coletivo, tendo em vista que a empatia não nasce com os indivíduos, é uma habilidade que precisa ser desenvolvida no decorrer de nossas vidas, é muito importante que toda a comunidade escolar esteja disposta a desenvolvê-la, desde os trabalhadores da área da educação até os pais e os alunos.

2.1 EMPATIA NO ESPACO ESCOLAR

A escola é um lugar onde se encontram muitos tipos e biótipos de pessoas, sendo estes funcionários, pais e alunos, de diversas crenças, cores, gostos, classe social enfim, uma diversidade de seres humanos, onde o diálogo deve fluir da melhor maneira possível, pois é na forma em que “falamos e ouvimos” que está a paz ou a desavença. É um local onde todos estão a se relacionar: espaço esse propício para socialização e produção do conhecimento. Percebe-se então que:

O espaço escolar é partilhado por muitas pessoas que compartilham e confrontam opiniões e ações. Elas são professores, diretores, pedagogos, coordenadores de turno, pessoal de apoio, alunos, pais e a comunidade local. Logo, esse espaço é repleto de contradições, conflitos e também de possibilidades de interações capazes de, em um fazer coletivo, promover a educação que a sociedade demanda (SILVA, 2017, p.133).

No âmbito escolar, muitas vezes acontecem casos de agressão, tanto física como verbal, e esse instinto agressivo na maioria das vezes acompanha jovens e crianças desde a infância mais remota, se o convívio em família é movido pela baixa estima, pela falta de afeto, pelo uso de palavras que machucam o emocional e causam mutilações nos ali envolvidos. Nesse momento é muito importante ter profissionais capacitados para trabalharem com estas

questões na escola, pois estes saberão intervir de maneira correta mediante tais situações, obtendo dessa forma um bom andamento da Instituição e entendimento interpessoal.

Segundo Branden (1996), “...” o professor que trata seus alunos com respeito pode iluminar uma criança com dificuldade de entender os relacionamentos humanos, por ter vindo de um lar em que o respeito não existe”. (Branden 1996, pg.249).

Nas palavras de Alves (2000), o professor é aquele que tem paciência, que está no imaginário da criança, faz flutuar suas ideias, tornando-se companheiro de seus sonhos e invenções.

Para Placco e Almeida (2017) a escola deve investir na qualidade das relações dentro do seu espaço.

Trabalhar para que o outro aprenda, ou seja, ensinar é a intencionalidade claramente da escola. O uso de dizer que uma escola com essa intencionalidade claramente definida, que aceita investir na qualidade das relações interpessoais para facilitar o acesso ao conhecimento, é uma escola em que professores, demais profissionais e alunos não pisam nos sonhos dos outros. Caminham com cuidado (PLACCO; ALMEIDA, 2017, p. 30).

Assmann (1995, pg. 107) já dizia que é urgente e imperioso a capacitação de profissionais eficientes e a formação de seres humanos solidários, já que a beleza não está no rosto e sim no interior do coração, conforme bem ponderava Charles Chaplin.

Sabemos que a realidade em sala de aula não tem sido fácil, vários são os desafios que vêm surgindo, e esses atos acima relatados são presenciados no dia a dia da escola, e é comum aparecer a vontade de punir os responsáveis por essas atitudes, porém, é preciso entender que todos têm pontos de vista diferentes, suas emoções e necessidades precisam ser ouvidas. Diante desse cenário há algumas práticas que podemos adotar no nosso dia a dia.

O olhar do professor sobre os alunos é fundamental na vida presente como na futura. Olhar, tocar, sorrir e conversar são maneiras de fazer com que os alunos sintam o afeto por parte do professor. Desenvolver a empatia dentro da sala de aula, auxilia no bom funcionamento das relações e no favorecimento do diálogo.

Essas práticas devem ser adotadas não só pela escola, mas sim pelo grupo que pertence a esse ambiente, juntamente com os pais, um envolver familiar tornando esse ambiente um local harmonioso e empático, onde a família tem um papel fundamental, pois segundo Goleman (2001, pg. 204) na vida em família é onde iniciamos a aprendizagem emocional. Nesse caldeirão íntimo, aprendemos como nos sentirmos em relação a nós mesmos e como os outros vão reagir a nossos sentimentos: aprendemos como avaliar nossos sentimentos e como reagir a eles, aprendemos como interpretar e manifestar nossas expectativas e temores.

Mas o que seria empatia afinal? Ranieri e Barreira (2012) retomam detidamente a definição de empatia:

Koss (2006) apresenta algumas ocorrências da palavra empatia (*emfühlung*) ao longo da história e em autores reconhecidos, principalmente nos séculos XIX e XX, em áreas como as artes. A palavra alemã *Einfühlung* consiste em duas partes: *Ein*, “em”, *efühlen*, “sentir”. Uma possível tradução, segundo Ales Bello (2004 e 2006) e Manganaro (2002), é entropatia, trazendo a expressão *páthos* do grego e podendo significar “sentir dentro”, “sentir em”. Na tradução da obra de Stein para as línguas neo-latinas (francês, italiano, espanhol e português), *Einfühlung* é traduzido normalmente como empatia, que se assemelha a entropatia, “sentir dentro o outro” (Manganaro, 2002). (RANIERI; BARREIRA, 2012, p. 13).

Para a neurociência, o ato de ter empatia corresponde a uma combinação de atos conscientes e inconscientes do cérebro e que depende do bom funcionamento de certas regiões cerebrais (Supera, 2020).

Na CNV (2006) a empatia é parte fundamental, pois é por meio dela que é possível compreender melhor o que o outro está vivendo, sem que haja julgamento ou ideias preconcebidas da nossa parte. Além disso, a empatia com nós mesmos também é importante para identificar as necessidades que acompanham os nossos sentimentos (Rosenberg, 2006). Brené Brown afirma que empatia é uma habilidade que pode unir as pessoas e fazer com que se sintam incluídas.

Quando falamos em empatia referimos ao ato de sentir e entender o que a outra pessoa está sentindo. Para Rosenberg a empatia é a compreensão respeitosa do que os outros estão vivenciando, é uma forma a ser sentida e compreendida, é se colocar no lugar do outro e sentir com ele, tomar para si suas dores, suas alegrias e decepções, então:

“Empatia (s.f.) não é sentir pelo outro, mas sentir com o outro, quando a gente lê o roteiro de outra vida, é ser ator em outro palco, é compreender, é não dizer “eu sei como você se sente”, é quando a gente não diminui a dor do outro, é descer até ao fundo do poço e fazer companhia para quem precisa, não é ser herói, é ser amigo, é saber abraçar a alma.” (Doederlein, 2017).

A empatia é definida como a capacidade de se colocar no lugar do outro e buscar compreender razões, sentimentos e emoções para estabelecer uma relação de cooperação e de compreensão pela maneira como o outro age e toma decisões (PEREZ, 2018, p. 12).

Muitos de nós dizemos que sentimos empatia, mas na verdade somos meros expectadores e conselheiros que em vez de oferecermos empatia, somos movidos por forte urgência de dar conselhos ou encorajamento e de explicar nossa própria posição ou nossos sentimentos. (ROSENBERG, 2006, p. 150).

Por esse motivo é necessário se conectar com a pessoa, entender quais são os sentimentos, o que ela quer nos passar através de sua fala, sem pré-julgamento ou opiniões.

Antes de dirigirmos a elas as nossas críticas é importante nos colocarmos no lugar dela, porque nós desejamos que assim seja feito conosco. É necessário ouvir e entender, escutar para compreender não para rebater, ou seja, escutar atentamente a informação que está sendo passada.

Para o psicólogo Rosenberg a

CNV nos ajuda a nos ligarmos uns aos outros e a nós mesmos, possibilitando que nossa compaixão natural floresça. Ela nos guia no processo de reformular a maneira pela qual nos expressamos e escutamos uns aos outros, mediante a concentração em quatro áreas: o que observamos, o que sentimos, do que necessitamos, e o que pedimos para enriquecer nossa vida. A CNV promove maior profundidade no escutar, fomenta o respeito e a empatia e provoca o desejo mútuo de nos entregarmos de coração. Algumas pessoas usam a CNV para responder compassivamente a si mesmas; outras, para estabelecer maior profundidade em suas relações pessoais; e outras, ainda, para gerar relacionamentos eficazes no trabalho ou na política. No mundo inteiro, utiliza-se a CNV para mediar disputas e conflitos em todos os níveis (ROSENBERG, 2006, p. 32).

Então para desenvolvermos empatia é necessário estarmos dispostos a aprender e praticar o autoconhecimento, bem como, ajudar com calma e paciência, deixar de lado os julgamentos, ter escuta ativa, nos colocarmos no lugar do outro por completo.

Para termos um ambiente mais empático devemos tratar o próximo como gostaríamos de ser tratado, ajudar sempre que puder, ouvir com atenção e evitar julgamentos, tentando sempre se colocar no lugar do outro. Assim evitaremos possíveis conflitos, teremos uma comunicação mais eficaz, sempre levando em consideração os sentimentos de cada indivíduo, respeitando seu tempo e suas emoções.

2.1.1. As emoções no contexto educacional

Quando falamos de emoções, é necessário abordar também as influências que as emoções podem impor em nossa vida, nos processos de aprendizagem e na memória. Quando tomamos consciência sobre nossas emoções podemos identificar e rotular cada uma delas, além de exercer um controle sobre as reações emocionais durante a vida, com base nas convenções sociais que fazemos parte, evidenciando a importância de entender a interação entre processos emocionais e cognitivos no cérebro, principalmente durante o processo educacional (COSENZA; GUERRA, 2011).

O documento intitulado Socioemocional, do Instituto Ayrton Senna (2014), apresenta a importância de ampliar a fronteira da educação tendo em vista os desafios do século 21,

onde o desenvolvimento das competências estão em discussão. Essas habilidades englobam comunicação, autocontrole, responsabilidade, pensamento crítico entre outros.

O Instituto Ayrton Senna vem se dedicando a construir e a aprimorar continuamente estratégias educativas para que a Educação para o Século 21 ganhe aplicação concreta como políticas públicas, em escolas e salas de aula. Na sistematização dessas estratégias, o desenvolvimento de competências e habilidades tem mostrado papel decisivo para alavancar a aprendizagem dos alunos, com resultados expressivos tanto para aqueles que já apresentam bom desempenho escolar quanto para aqueles que revelam proficiência insatisfatória ou que estão a ponto de abandonar a escola. O primeiro passo para garantir o sucesso dessas estratégias é estabelecer quais competências devem ser priorizadas para serem trabalhadas no processo educacional. Apenas com essa definição a oferta educacional terá intencionalidade e efetividade, uma vez que esse conjunto de competências passa a direcionar as inovações no processo ensino-aprendizagem, englobando a transformação das práticas dos professores, gestores escolares e secretarias de educação (INSTITUTO AYRTON SENNA, 2014, p. 8).

É importante garantir e reconhecer a necessidade de uma educação emocional nas escolas, uma vez que se configura como processo contínuo, como nos mostra Mota (2017):

A educação emocional é um processo educativo contínuo e permanente ao longo de toda a vida e sua sistematização pode ser proposta através do desenvolvimento de competências emocionais. Quando professores fornecem atenção e reconhecem as emoções nas crianças, auxiliando-as a lidar melhor com tais manifestações, é muito provável que essas crianças, à medida que forem amadurecendo, adquiram em seu desenvolvimento, maior controle das emoções sobre o corpo, exibindo um comportamento mais controlado, consciente e adequado (MOTA, 2017, p.01).

Se a educação emocional for ignorada teremos resultados negativos, onde alunos e professores serão prejudicados, pois, o acúmulo de situações emocionais traz um baixo rendimento escolar, sendo assim:

“...” quando as emoções são ignoradas ou são tratadas como um tema que incita indisposição aos educadores, com o tempo, as crianças ficarão mais vulneráveis a reprimir suas emoções, sufocando-as, e, gerando, de tal maneira, um obstáculo ao desenvolvimento da confiança em si mesmas e nas relações (MOTA, 2017, p.1).

Sabendo de todas as influências que podem ser observadas a partir das percepções emocionais, é necessário obter clareza quanto a quais os processos emocionais que trazem dificuldades de convívio para o ambiente escolar, pois é notável a diferença de comportamento quando a emoção é positiva ou negativa, pois essas emoções são respostas fisiológicas, com carga positiva ou negativa, disparadas automaticamente a um estímulo significativo (KANDEL, 2014).

E se a escola ou instituição proporciona um ensino que gera oportunidade para o desenvolvimento socioemocional onde valoriza o convívio em sociedade é de suma importância:

[...] apoiar as iniciativas das crianças a conhecer suas dimensões interiores como as emoções e sentimentos e pode ajudá-las a criar uma capacidade interna de dirigir a si mesmas e não se tornarem dominadas pelas forças emocionais e por tendências destrutivas. [...]. Pode, ainda, estimular as crianças e adolescentes a desenvolverem habilidades positivas e necessárias ao relacionamento produtivo com as demais pessoas e com os diferentes ambientes, estimulando a realização pessoal da solidariedade, empatia, autonomia e integridade. (POLICARPO JUNIOR, 2010, p. 103).

A ansiedade e o estresse são emoções que podem influenciar a atenção seletiva, a memória de trabalho e o controle cognitivo, elementos fundamentais da cognição. Por outro lado, os circuitos envolvidos nesses elementos têm contribuição na regulação emocional (OKON-SINGER et al, 2015). Enquanto isso, emoções positivas contribuem para ampliação de ações individuais, além de aumentar recursos físicos, intelectuais, sociais e psicológicos (BELFER; MUGUIRA, 2017).

O ideal é apresentar um clima favorável e seguro para a aprendizagem, dentro do ambiente escolar, evidenciando as relações efetivas e minimizando as diferenças, com respeito às particularidades de cada indivíduo e a forma como sua memória trabalha (RELVAS, 2018).

Esse espaço se torna um ambiente de oportunidade para o desenvolvimento do ser humano:

"..."assim, tomamos a escola ou as instituições de caráter educacional como espaços possíveis de oportunizar o desenvolvimento da formação humana através do ensino das habilidades socioemocionais, uma vez que a prática pedagógica pode ser um instrumento para ajudar o educando a aprender a entrar em contato consigo mesmo (MOTA, 2017, p. 2).

É preciso desenvolver uma conexão emocional entre o aluno e o conteúdo a ser aprendido, de forma que haja um incentivo às atividades cooperativas e de autoria/participação ativa dos alunos, para que exista então, a cooperação e a responsabilização da riqueza emocional na construção de conhecimentos. Serão, então criados espaços de interação social e de aprendizagem, pois haverá segurança e pertencimento (FONSECA, 2016).

O processo de aprendizagem não é um ato isolado, não apresenta uma neutralidade afetiva, além de necessitar uma transmissão intencional, atenção e interação emocional compartilhadas, uma vez que professores e alunos interagem e aprendem uns com os outros.

Sendo assim, tanto cognição e emoção estão inseridas em um mesmo contexto sociocultural (FONSECA, 2016).

O processo de aprendizagem na escola evoca também, o histórico individual de cada aluno e suas percepções – se torna um processo onde existe o acúmulo de conhecimentos, habilidades e de experiência de aprendizado. Existe uma variedade de estímulos influenciando nas emoções dos alunos: professores, colegas, família, materiais (HASCHER, 2009).

Algumas estratégias podem ser utilizadas para que os alunos aprendam mais sobre as regulações emocionais, sempre em momentos que antecedem a situação como, por exemplo, as estratégias de projeção (o aluno descreve quais serão seus sentimentos ao concluir uma tarefa ou quais as consequências do seu rendimento em uma prova) ou estratégias de autoconfiança (esse processo incentiva o aluno a desenvolver confiança antes de iniciar uma tarefa, afirmando para si mesmo, por exemplo, “Eu consigo!”), enquanto outras estratégias também envolvem nesse processo a mudança de foco, principalmente quando aquela emoção já está presente, como pensar em situações que o deixam mais feliz (FRIED, 2011).

Uma das estratégias que costuma ser bastante eficaz é a utilização da arte, do esporte e da comunicação como estímulo do processo de aprendizagem (RELVAS, 2018). Também se faz necessário o estímulo da autoestima dos alunos, afirmando diariamente que eles são capazes e que vão conseguir, incentivando eles a aprender com métodos diferenciados e com aulas concentradas em suas necessidades. É preciso conquistar o aluno, envolvê-lo mesmo que se perca minutos de aula, pois essa aparente perda momentânea futuramente trará ganho de tempo.

É preciso amor e paixão por parte do professor e muito desejo de ensinar, ter uma relação afetiva com seus alunos, pois, através de nossa imagem vemos a do outro; através de nossa voz, ouvimos a do outro.

Branden diz que:

nossas reações aos acontecimentos do cotidiano são determinadas por quem e pelo que pensamos que somos. Os dramas da nossa vida são reflexo das visões mais íntimas que temos de nós mesmos. Assim, a auto-estima é a chave para entendermos a nós mesmos e aos outros. (Branden, 2000, pag.9).

Saltini (1999, pag.88), referindo-se a Piaget, diz que o papel do mestre deve ser o de incitar a pesquisa e de fazer tomar consciência dos problemas e não de ditar a verdade. De fato, é preciso não esquecer que uma verdade imposta deixa de ser verdade: compreender é inventar ou reinventar e dar uma lição prematuramente é impedir o aluno de encontrar ou redescobrir as soluções por si mesmo. Só assim, poderemos ver seres humanos capazes de

realizar seus próprios sonhos, suas próprias ideias, vencendo suas dificuldades, elevando sua autoestima através do saber-fazer.

Por isso, precisamos de escolas que não sigam o autoritarismo, mas a ordem, uma escola que proporciona alegria, onde os alunos possam perguntar para aflorar saberes ao invés de só responder. Uma escola que proporcione tranquilidade e compreensão, que dê firmeza e coragem para avançarem no caminho que a vida lhes proporcionar, onde haja união entre alunos e professores, precisamos ir inovando cada dia mais as práticas relacionais nas nossas escolas. Caierão propõe:

É preciso mudar a cara da escola, queremos uma escola popular não populista, se opondo ao autoritarismo, mas não negando a autoridade. Escola séria, rigorosa e que pule de alegria (...).

Escola onde o trabalho seja meta de todos e não apenas de alguns que carregam o barco sozinho (...). Escola que acreditamos, possui limites bem definidos claros e transparentes, com espaço para conversa e o exercício da expressão do ser. Acreditamos se assim for. É possível construir a autoestima na escola, mesmo porque não queremos uma escola tachada de “fraca” ondetudo é possível, mas que tudo é possível se construir dentro das potencialidades do ser humano, onde a criança possa despertar seu conhecimento que ela possa ter, que é o seu conhecimento próprio, e nele aprimorar a sua inteligência de uma forma clara e criativa. Portanto, educadores não são professores, mas são todos aqueles que têm o poder mágico de despertar o mundo adormecido, que têm o segredo das transformações e encontram muito poder das palavras em educar ao mesmotempo, proporcionar fascínio no aprender. (Caierão,1993, pag.122-123).

Precisamos de uma escola inteligente baseada no desenvolvimento das habilidades socioemocionais, que desenvolva um espírito criativo com a capacidade de se colocar no lugar do outro, sentir o que o outro sente e ter empatia, nas palavras de Cury:

“Ser capaz de se colocar no lugar dos outros para perceber as dores e as necessidades dos outros e ter a capacidade de transformar crises em oportunidades construtivas”. (Augusto Cury.2016).

Uma escola satisfatória que passe segurança para seus alunos, onde os mesmos tenham a liberdade de expressão, que possam aprender com seus erros onde o professor é o mestre, aquele que dá direção e que desperta o desejo de aprender; para o sociólogo Bauman, uma vida satisfatória e feliz:

“Há dois fatores indispensáveis a uma vida satisfatória e relativamente feliz. Um é segurança e o outro é liberdade. Você não consegue ter uma vida digna na ausência de um deles. Segurança sem liberdade é escravidão; liberdade sem segurança é caos...” (Bauman,2002).

As relações no contexto escolar estão ligadas diretamente aos sentimentos e o ponto fundamental que resume essa relação entre ambos é o afeto. Também se faz necessário que os pais, juntamente com os professores e alunos, estejam interligados a fim de se

reconstruírem e formarem juntos uma sociedade mais justa e empática, onde a comunicação flua de forma saudável, sem ruído de violência.

2.2 A COMUNICAÇÃO NÃO –VIOLENTA (CNV)

A partir da compreensão de que a comunicação é parte estruturante de nossa rotina enquanto seres sociais, também se torna imprescindível entender um pouco mais sobre a Comunicação Não-Violenta (CNV), metodologia defendida por Rosenberg (2006) e que pode transformar nossas relações sociais.

A Comunicação Não-Violenta (CNV) é uma metodologia comunicacional desenvolvida por Marshall Rosenberg, um psicólogo norte-americano. Essa metodologia tem como objetivo a resolução de conflitos, através do aprimoramento de relações interpessoais e sem o uso de uma abordagem agressiva. Todo o projeto teórico e prático da CNV está contido na obra literária *Comunicação não-violenta: técnicas para aprimorar relacionamentos pessoais e profissionais* (ROSENBERG, 2006).

Nas palavras do psicólogo Rosenberg (2006), a CNV começa por assumir que somos todos compassivos por natureza e que estratégias violentas se verbais ou físicas são aprendidas, ensinadas e apoiadas pela cultura dominante. Dessa forma entende-se que em ambiente onde se estimula a competitividade e dominação o comportamento será violento, mas se agirmos ao contrário, com generosidade, empatia e compaixão teremos um ambiente não- violento, acolhedor e compassivo. Mahātmā Gandhi, especialista em ética política indiana, que empregou resistência não violenta para liderar a campanha bem-sucedida para a independência da Índia do Reino Unido, e por sua vez, inspirar movimentos pelos direitos civis e liberdade em todo o mundo, quanto fala de ambientes não violentos, diz que se trata de uma educação para a paz, para a solidariedade e para o respeito pelos direitos humanos.

“A não –violência significa permitirmos que venha à tona aquilo que existe de positivo em nós e que sejamos dominados pelo amor, respeito, compreensão, gratidão, compaixão e preocupação com os outros em vez de sermos pelas atitudes egocêntricas, egoístas, gananciosas, odientas, preconceituosas, suspeitosas e agressivas que costumam dominar nosso pensamento. (...) O mundo em que vivemos é aquilo que fazemos dele.” (Gandhi, 1948).

Para Rosenberg (2006), CNV, diz respeito às habilidades de linguagem que focam em aprender falar, esse falar é falar bem, de forma a ser compreendido, onde o tom de voz é muito importante, outrossim é o ouvir atentamente, e entender que nem tudo são palavras, também nos diz que é necessário estabelecer relações, parceria e cooperação, uma vez que

a comunicação não violenta nem sempre é passiva ou amorosa, muitas vezes há conflitos, mas é fundamental compreender e expressar de maneira clara e objetiva as necessidades de ambos, sendo responsável pelos atos e sentimentos que cada um tem. Para o psicólogo, toda a violência é resultado de algo que não foi atendido.

Como visto anteriormente, a comunicação é uma forma de troca de informações entre indivíduos que por sua vez, acontece a partir de uma mensagem sendo repassada de um transmissor para um receptor. Sabendo-se da necessidade de que essa comunicação seja a mais clara e pacífica possível, percebemos como a CNV pode colaborar com esse processo dentro do ambiente escolar.

Ainda conforme Rosenberg (2006) a comunicação não-violenta promove maior profundidade no ato de ouvir, fomenta o respeito e a empatia e, finalmente, provoca o desejo mútuo de se entregar de coração. Algumas pessoas utilizam a CNV para responder compassivamente a si mesmas; outras, para estabelecer maior profundidade em suas relações pessoais; e outras, inclusive, para gerar relacionamentos eficazes no trabalho ou na política. Em todo o mundo a CNV é utilizada para mediar disputas e conflitos nos mais diferentes níveis

A CNV é composta a partir da interpretação de alguns critérios de observação, no processo de fala e no processo de ouvir. No processo de fala, há a necessidade de eliminação daquilo que Rosenberg (2006) chama de “comunicações alienantes da vida”, como:

- a) os julgamentos moralizadores, os quais subentendem uma natureza errada ou maligna em pessoas que não agem conforme os valores do emissor da mensagem. Exemplos: “Você é muito desatento”;
- b) as comparações, pois também são formas de julgamento. Exemplos: “O novo funcionário tem sido mais eficiente que você”;
- c) as negações de responsabilidade, que ocorrem quando não se assume a responsabilidade pelos próprios comportamentos, pensamentos e sentimentos. Exemplos: “Mentir para o cliente porque o chefe me mandou fazer isso”;
- d) as exigências, isto é, espécies de “pedidos” que, se não atendidos, geram retaliações. Exemplo: “Faça como quero ou te darei uma advertência formal”;
- e) as ideias de merecimento de recompensa ou punição, pois também são julgamentos. Exemplo: “Aquele colega merece ser demitido, pelo que fez”.

É possível perceber como Rosenberg (2006) ressalta a importância de evitarmos o julgamento, pois essa também é uma forma de exclusão de indivíduos.

Após a eliminação das comunicações alienantes da vida, Rosenberg (2006) explica sobre a necessidade de seguir os quatro componentes da CNV: observação; sentimento; necessidades; pedido. Conforme o autor:

Componente	Como é
1. Observação	Observar fatos sem avaliá-los, sem determinar se são bons/maus/corretos/incorretos. Simplesmente observar o fato. Exemplo: “João hoje chegou trinta minutos depois do horário combinado” em vez de “João sempre chega atrasado”.
2. Sentimento	Identificar o sentimento surgido na observação do fato. Exemplo: “Sinto-me irritado, frustrado”.
3. Necessidades	Reconhecer quais necessidades se associam aos sentimentos identificados. Sentimentos negativos, por exemplo, se originam em necessidades não atendidas. Exemplo: “O fato de João ter chegado trinta minutos depois do horário combinado não atende à minha necessidade, que é de que todos os funcionários estejam aqui às oito horas da manhã”.
4. Pedido	Pedir algo que possa satisfazer a necessidade não atendida, usando linguagem de ações positivas; pedir que algo seja feito, em vez de pedir que algo não seja feito; pedido claro, construído sobre ações concretas. Exemplo: “João, peço-lhe que, a partir de amanhã, você chegue ao trabalho às oito horas da manhã” em vez de “João, peço-lhe que seja mais responsável”.

ROSENBERG, (2006).

O processo de fala, então deve ser desenvolvido de maneira empática para que a mensagem do transmissor seja transmitida de uma forma clara e sem a intenção de causar no receptor qualquer tipo de sentimento negativo. Lembrando também que nem sempre podemos evitar que a segunda pessoa entenda no sentido negativo a mensagem que gostaríamos de passar, dependendo da reação do outro, devemos estar preparados para não piorar a situação, ter paciência para pacificar a situação, pois as vezes o outro além de

entender errado a mensagem, acaba passando para terceiros a mensagem não compreendida tornando aquela situação mais complicada ainda.

Enquanto que, segundo Rosenberg (2006), no ato de ouvir os critérios são:

De complicações.

a) receber com empatia, conectando a atenção ao presente e se desconectando de tentativas de compreensão intelectual. Para isso é importante tentar se desvincular de ideias preconcebidas e julgamentos a respeito de quem se escuta. Não é tarefa fácil, pois em vez de empatia as pessoas demonstram forte tendência a dar conselhos ou encorajamentos;

b) perguntar, antes de oferecer conselhos, estímulos ou consolos, se o interlocutor efetivamente os deseja;

c) parafrasear, se necessário. Quando se recebe com precisão a mensagem de outra pessoa, a paráfrase confirma isso para ela. Por outro lado, se a paráfrase estiver incorreta, a pessoa tem a oportunidade de corrigi-la.

Ambos os processos possuem uma relevância muito grande, pois é nessa comunicação que iniciamos qualquer tipo de interação com outras pessoas em nosso meio, o que também justifica a necessidade de compreensão nas trocas de informações.

Primeiramente, observamos o que está de fato acontecendo numa situação: o que estamos vendo os outros dizerem ou fazerem que é enriquecedor ou não para nossa vida? O truque é ser capaz de articular essa observação sem fazer nenhum julgamento ou avaliação – mas simplesmente dizer o que nos agrada ou não naquilo que as pessoas estão fazendo. Em seguida, identificamos como nos sentimos ao observar aquela ação: magoados, assustados, alegres, divertidos, irritados etc. Em terceiro lugar, reconhecemos quais de nossas necessidades estão ligadas aos sentimentos que identificamos aí. Temos consciência desses três componentes quando usamos a CNV para expressar clara e honestamente como estamos (ROSENBERG, 2006, p. 25).

Ao falar da metodologia da Comunicação Não-Violenta, Rosenberg (2006) ressalta a importância do método não-violento:

A não-violência não é uma estratégia que se possa utilizar hoje e descartar amanhã, nem é algo que nos torne dóceis ou facilmente influenciáveis. Trata-se, isso sim, de inculcar atitudes positivas em lugar das atitudes negativas que nos dominam. Tudo que fazemos é condicionado por motivações egoístas (“Que vantagem eu levo nisso? ”), e essa constatação se revela ainda mais verdadeira numa sociedade esmagadoramente materialista, que prospera com base num duro individualismo. Nenhum desses conceitos negativos leva à construção de uma família, comunidade, sociedade ou nação homogênea (2006, p.14).

A utilização da CNV em nossas interações sociais, e nesse caso dentro da sala de aula, é uma proposta que visa reduzir ruídos desta interação. Cada indivíduo tem suas

particularidades, sendo assim, deve ser respeitado e compreendido, livre de julgamentos e críticas, o que faz desse acolhimento um diferencial na vida de cada aluno.

À medida que a CNV substitui nossos velhos padrões de defesa, recuo ou ataque diante de julgamentos e críticas, vamos percebendo a nós e aos outros, assim como nossas intenções e relacionamentos, por um enfoque novo. A resistência, a postura defensiva e as reações violentas são minimizadas (ROSENBERG, 2006, p.14).

Se mudarmos a nós mesmos, poderemos mudar o mundo, e essa mudança começará por nossa linguagem e nossos métodos de comunicação (ROSENBERG, 2006, p. 16). E sendo assim, investir na Comunicação Não-Violenta, principalmente quando se trata do espaço da sala de aula, também é investir em uma transformação na relação entre alunos e professores. Afinal, uma escuta ativa e uma forma empática de conduzir as conversações sempre trarão resultados bons para esse ambiente.

"A CNV se baseia em habilidades de linguagem e comunicação que fortalecem a capacidade de continuarmos humanos, mesmo em condições adversas. Ela não tem nada de novo: tudo que foi integrado à CNV já era conhecido há séculos" (ROSENBERG, 2006, p. 18).

Sendo assim, as propostas trazidas pela CNV são de transformar a forma como nos comunicamos com outras pessoas, desde a forma como nos expressamos, dialogamos, expomos as ideias ou como defendemos as opiniões de uma maneira leve, evitando prováveis discussões ou gatilhos de violência.

Na verdade, essa metodologia traz consigo uma perspectiva diferente de como é comunicar-se, afinal, quando utilizamos da CNV e temos empatia ao lidar com outro ser humano, estamos sendo ainda melhores. Felizmente, uma metodologia que quando passa a ser aplicada em sala de aula torna o aluno mais próximo de seus professores, mais aberto e receptivo para aprender ainda mais.

Segundo Marshall Rosenberg, o objetivo principal da utilização da CNV não é mudar as pessoas e seu comportamento para conseguir o que queremos, mas sim, para estabelecer relacionamentos baseados em honestidade e empatia, que acabaram atendendo as necessidades de todos (ROSENBERG, 2006, p. 127). O que torna a prática dessa metodologia ainda mais interessante quando pensamos no ambiente escolar, um local onde os alunos e os professores enfrentam suas próprias sombras, mas também onde todos os envolvidos devem sentir-se acolhidos e livres para compartilhar de sentimentos, ideias, emoções, a fim de contribuir com o enriquecimento desse espaço de convívio.

Quando falamos em mudar como citado acima, observa-se que não é um comportamento que temos do dia para noite, também sabemos que essas mudanças são

consideradas um marco sobre aquilo que está consolidado, e muitas vezes é vista como a quebra daquilo que é tradicional. O filósofo Thomas Kuhn (1962), explica que a mudança de paradigmas “do que é tradicional” seria como uma série de interlúdios pacíficos, pontuados por revoluções intelectualmente violentas, fazendo com que uma visão de mundo conceitual fosse substituída por outra visão.

Dessa forma é de suma importância termos uma visão voltada as necessidades e mudanças do mundo atual, mas como nos mostrou Thomas Kuhn essa mudança é tida como violenta, pois tem como percepção de substituição e, para que algo seja substituído, é necessário passar pelo crivo da aprovação, mas de um modo geral algumas substituições se fazem necessárias pois é para o bom andamento da sociedade e de instituição, como veremos na seção a seguir.

2.2.1 A Base Nacional Comum Curricular – BNCC

A Base Nacional Comum Curricular (BNCC) é definida como:

[...] um documento de caráter normativo que define o conjunto orgânico e progressivo de aprendizagens essenciais que todos os alunos devem desenvolver ao longo das etapas e modalidades da educação básica, de modo a que tenham assegurados seus direitos de aprendizagem e desenvolvimento [...] e está orientado pelos princípios éticos, políticos e estéticos que visam à formação humana integral e à construção de uma sociedade justa, democrática e inclusiva [...] (BRASIL, 2017, p. 7).

A BNCC é utilizada como uma base comum de currículo escolar, para que todas os alunos matriculadas em escolas nacionais recebam as mesmas informações e conhecimentos, unificando o processo de aprendizagem e tornando esse período mais parecido para crianças e adolescentes, independentemente de onde residem, sua faixa etária, condição econômica, etc. Por isso, algumas competências são defendidas pela BNCC.

Na BNCC, competência é definida como a mobilização de conhecimentos (conceitos e procedimentos), habilidades para resolver demandas complexas da vida cotidiana, do pleno exercício da cidadania e do mundo do trabalho (BRASIL, 2017, p. 8).

As competências específicas são divididas por área do conhecimento e pelos componentes curriculares, onde cada fase da educação tem sua competência. Nas tabelas seguintes podemos observar cada uma delas.

No ensino infantil ela é voltada aos direitos e objetivos de aprendizagem e ao campo da experiência:

Direito de aprendizagem	Campo de experiência
Conviver	O eu, o outro e o nós
Brincar	Corpo, gesto e movimento
Participar	Traços, sons, cores e formas
Explorar	Escuta, fala, pensamento e imaginação
Expressar	Espaços, tempos, quantidades relações e transformações
Conhecer-se	

No ensino fundamental está relacionada com as dez competências gerais:

Área das linguagens
Área da matemática
Áreas das ciências da natureza
Áreas das ciências humanas
Áreas do ensino religioso

No ensino médio assim como no fundamental está relacionada com as dez competências gerais, tirando matemática e português que têm suas competências específicas e próprias. Na matemática, conceituada como “ciência humana, fruto das necessidades e preocupações de diferentes culturas, em diferentes momentos históricos” e, ainda, “uma ciência viva, que contribui para solucionar problemas científicos e tecnológicos e para alicerçar descobertas e construções”, que vai da mais simples a mais complicada, em português o ler, escutar e produzir textos orais, escritos e multissemióticos que circulam em diferentes campos de atuação e mídias, com compreensão, autonomia, fluência e criticidade, de modo a se expressar e partilhar informações, experiências, ideias e sentimentos, e continuar aprendendo, (BODART; ROGÉRIO, 2020):

Área de linguagem e suas tecnologias
Área da matemática
Área de ciências da natureza
Área das ciências humanas e sociais aplicadas

A diferença entre competência e habilidade é que o primeiro é algo prático e tangível, já o segundo é mais subjetivo e pessoal, pois é por meio do exercício das habilidades específicas que se chega ao desenvolvimento das competências. (BODART; ROGÉRIO, 2020).

Outras mudanças que a BNCC traz é a questão do material didático escolar, que deve estar em consonância com a mesma, além de um novo olhar do professor sobre a educação, onde o mesmo esteja disposto a deixar de ser o detentor do conhecimento para passar a ser

um mestre, que conduz os alunos, que auxilie no caminho e no percurso a ser trilhado garantindo um aprendizado e melhorias no ensino nos mais diferentes contextos escolares. (Brasil, 2017).

As Competências gerais da Base Nacional Comum Curricular

1. Valorizar e utilizar os conhecimentos historicamente construídos sobre o mundo físico, social, cultural e digital para entender e explicar a realidade, continuar aprendendo e colaborar para a construção de uma sociedade justa, democrática e inclusiva.
2. Exercitar a curiosidade intelectual e recorrer à abordagem própria das ciências, incluindo a investigação, a reflexão, a análise crítica, a imaginação e a criatividade, para investigar causas, elaborar e testar hipóteses, formular e resolver problemas e criar soluções (inclusive tecnológicas) com base nos conhecimentos das diferentes áreas.
3. Desenvolver o senso estético para reconhecer, valorizar e fruir as diversas manifestações artísticas e culturais, das locais às mundiais, participando de práticas diversificadas da produção artístico-cultural.
4. Utilizar diferentes linguagens – verbal (oral ou visual-motora, como Libras, e escrita), corporal, visual, sonora e digital, bem como conhecimentos das linguagens artística, matemática e científica para se expressar e partilhar informações, experiências, ideias e sentimentos, em diferentes contextos, e produzir sentidos que levem ao entendimento mútuo.
5. Compreender, utilizar e criar tecnologias digitais de informação e comunicação, de forma crítica, significativa, reflexiva e ética nas diversas práticas sociais (incluindo as escolares) para se comunicar, acessar e disseminar informações, produzir conhecimentos, resolver problemas e exercer protagonismo e autoria na vida pessoal e coletiva.
6. Valorizar a diversidade de saberes e vivências culturais e apropriar-se de conhecimentos e experiências que lhe possibilitem entender as relações próprias do mundo do trabalho e fazer escolhas alinhadas ao exercício da cidadania e ao seu projeto de vida, com liberdade, autonomia, consciência crítica e responsabilidade.
7. Argumentar com base em fatos, dados e informações confiáveis, para formular, negociar e defender ideias, pontos de vista e decisões comuns que respeitem e promovam os direitos humanos, a consciência socioambiental e o

consumo responsável em âmbito local, regional e global, com posicionamento ético em relação ao cuidado consigo mesmo, com os outros e com o planeta.

8. Conhecer-se, apreciar-se e cuidar de sua saúde física e emocional, compreendendo-se na diversidade humana e reconhecendo suas emoções e as dos outros, com autocrítica e capacidade para lidar com elas.

9. Exercitar a empatia, o diálogo, a resolução de conflitos de forma harmônica e a cooperação, fazendo-se respeitar, bem como promover o respeito ao outro e aos direitos humanos, com acolhimento e valorização da diversidade de indivíduos e de grupos sociais, seus saberes, identidades, culturas e potencialidades, sem preconceitos de qualquer natureza.

10. Agir pessoal e coletivamente com autonomia, responsabilidade, flexibilidade, resiliência e determinação, tomando decisões com base em princípios éticos, democráticos, inclusivos, sustentáveis e solidários.

Fonte: BRASIL (2017, p. 9-10).

A BNCC é utilizada como referência para a formulação de currículos e materiais didáticos, essa unificação curricular auxilia gestores de redes públicas de ensino, pois "trata-se de uma oportunidade para juntarem esforços na formulação de estratégias e na consolidação de práticas voltadas para assegurar a efetivação e o acompanhamento da aprendizagem dos estudantes" (PEREZ, 2018, p. 11).

Sendo assim, é de extrema importância um documento oficial que estabelece as competências e habilidades que devem ser desenvolvidas por alunos, auxiliando nas transformações daquele estudante, ano após ano, dentro da sala de aula.

Em uma sociedade como a nossa, em que os alunos passam, desde a mais tenra idade, várias horas de suas vidas na escola (tempo que está sendo ampliado, no Brasil, com a implantação da jornada de tempo integral e a obrigatoriedade do ingresso na escola aos quatro anos), cabe pensar no papel do ambiente escolar na promoção da saúde mental e física dos estudantes. Uma "escola suficientemente boa", com "professores suficientemente bons" (parafrazeando Winnicott) é uma alternativa institucional para combater os revezes decorrentes de condições familiares e sociais marcadas por carências afetivas, alimentares, materiais, muitas vezes envolvidas em violências de diferentes tipos e graus. (ABED, 2014, p.112).

O processo de aprendizagem e desenvolvimento é um processo contínuo de aquisições que ocorrem durante toda a vida do indivíduo, ou seja, desde a vida intrauterina até a mais avançada idade (PEREZ, 2018, p. 11). E é através do ambiente escolar que esse desenvolvimento deve acontecer, trazendo aos alunos capacidade de aprendizagem.

A escola é o lugar de produzir saberes, onde o professor juntamente com seus alunos ensina e aprende de forma mútua, porém o professor é visto como aquele que deve saber,

tendo o domínio da matéria, dos recursos e métodos de ensino, mas o ponto principal é o vínculo que ambos estabelecem. Segundo Fernandez (1991), não aprendemos de qualquer um, aprendemos daquele a quem outorgamos confiança e direito de ensinar.

Para que o processo de aprendizagem seja facilitado, deve haver um compromisso ético por parte dos educadores que é a busca constante, o empenho e a responsabilidade para que todos aprendam (PEREZ, 2018, p. 12). É esse compromisso ético assumido pelos professores que, junto do caminho apontado pela BNCC é possível sempre fazer melhor e entregar ainda mais conhecimentos, favorecendo o desenvolvimento dos alunos e trazendo um sentido para cada descoberta feita dentro da escola.

Saltini diz que:

“Educar significa ajudar a acordar, ajudar a encontrar no próprio ser o ímpeto, a saudade, a vontade de agir, buscar e descobrir, de crescer e de progredir. Educar significa também, aprender e ensinar a lutar, aprender é ensinar a intensificar a existência e a cumpri-la com decisão e consciência. Educar, basicamente é ajudar a assumir a vida: é levar o ser a procurar e aspirar a verdade, e buscar sentir e chamar a luz e a força encoberta nele mesmo, é fazer perceber a grande possibilidade que a vida é e que com ela podemos receber e doar amor, aprendendo ao mesmo tempo a quere-la, a vive-la e doa-la se necessário for. No entanto, a duas regiões em que posso procurar esse fato: forma de mim ou em mim”. (Saltini, 1999, pg.46).

O debate democrático deve se fazer presente na sala de aula a fim de assegurar a democracia, onde "cada um é responsável por si e pelo coletivo" (PEREZ, 2018, p. 13). E procurando pelo melhor, a escola proporciona aos alunos o papel de protagonismo, pois é através desses alunos que todos os passos da aprendizagem se desenvolvem e ganham vida.

Na mesma direção, o Guia de Práticas Circulares, de Carolyn Boyes-Watson (2011), explica que:

Como seres humanos, nós nos tornamos o que somos como espécie através de relacionamentos. Os neurocientistas entendem que os cérebros humanos são “sistemas abertos” projetados para a comunhão emocional com outros cérebros límbicos (LEWIS apud BOYES-WATSON, 2011, p. 270).

Esse entendimento aponta para a importância de buscarmos formas saudáveis e satisfatórias de nos relacionarmos, onde a comunicação não-violenta se encaixa perfeitamente. Rosenberg ressalta que ficamos perigosos quando não temos consciência de nossa responsabilidade por nossos comportamentos, pensamentos e sentimentos” (ROSENBERG, 2006, p. 45).

Promover para os alunos uma vida digna, através da escuta empática e utilizando a CNV auxilia no estreitamento de relações e também na valorização daquele estudante. A dignidade se manifesta pelos direitos e deveres fundamentais e obrigatórios das pessoas, e

garanti-la às crianças e aos jovens é protegê-los para que possam viver de maneira plena e satisfatória (PEREZ, 2018, p. 14).

A escola tem papel importante no desenvolvimento integral dos alunos, pois promove trocas e estimula a criatividade, a participação, o diálogo e a coesão social (PEREZ, 2018, p. 17). O que a BNCC indica é a necessidade de constituir uma proposta curricular que assegure as competências e habilidades e resguarde, nos objetos de conhecimento, as marcas culturais, ambientais e econômicas de cada região (PEREZ, 2018, p. 13).

2.2.2 Base Nacional Comum Curricular e a Comunicação Não-Violenta

Algumas das competências apresentadas na BNCC conversam muito proximamente com a metodologia da CNV, sendo assim, trazem para nossa consciência a perspectiva de que essa relação direta entre esses dois pontos tem potencialidade de fazer a diferença nos processos escolares e no desenvolvimento dos alunos.

Verifica-se que as capacidades que se busca desenvolver pelo processo da CNV estão especialmente relacionadas com as competências gerais definidas pela BNCC como objetivos de aprendizagem para os alunos da educação básica. Entre essas dez competências, verificamos que cinco delas, ou seja, a metade, estão vinculadas à construção de saberes e habilidades direcionados ao conhecimento próprio e do outro, à interação socioafetiva e à expressão adequada. Observe-se que:

... no processo da CNV, o primeiro passo é o olhar atento, o observar neutro e silencioso. Ao olhar para dentro de si, a pessoa pode perceber-se melhor como ser humano, que, assim como todos outros, tem sentimentos, necessidades e desejos. A competência 08 da BNCC (reproduzida anteriormente, juntamente com as demais) trata especialmente disso, ao estabelecer como objetivo que os alunos possam conhecer-se, apreciar-se, cuidar-se e compreender-se. A “capacidade de lidar” adequadamente com as emoções é também destaque nessa competência da BNCC. Essa mesma capacidade, como indicamos, é um dos componentes específicos da CNV. O cuidado e o respeito ao outro, a responsabilidade ética e social, são fundamentos da CNV e constituem objetivos de desenvolvimento pessoal, como se vê nas três capacidades gerais que sintetizamos em relação a essa abordagem. Na BNCC, essa preocupação está presente em todas as dez competências gerais, mas é o foco daquelas de números 09 e 10. Ao tratar de empatia, a competência 09 utiliza talvez o conceito mais caro à CNV, que também é chamada de Comunicação Empática, noção essa que é abordada com profundidade por Rosenberg. (Rosenberg, 2006/ BNCC.2017).

As quatro capacidades específicas da CNV que sintetizamos destacam o uso articulado e adequado da linguagem e podemos relacioná-las principalmente com as competências gerais 04 e 07 da BNCC. A competência 04 deixa claro que o objetivo não é desenvolvimento do uso das linguagens por si só, mas sim que estas habilidades permitam a

“partilha” de informações, experiências, ideias e sentimentos, em diferentes contextos, com vistas ao “entendimento mútuo”. Vê-se aqui, com outras palavras, o projeto da CNV.

A competência 07 da BNCC trata do saber argumentar, destacando também que este aprendizado está em função da ética e do cuidado “consigo mesmo, com os outros e com o planeta”. A CNV busca substituir o argumentar agressivo, pautado apenas no interesse de persuadir e (con) vencer o outro, por um argumentar honesto, autêntico e claro, que se preste ao equilíbrio no atendimento dos desejos e necessidades de todos os envolvidos. (MASCAGNI,2021. Pág. 36).

Quadro de observação, para comparação:

Competências da BNCC	Habilidades que sustenta as competências da BNCC	Capacidades da CNV
1.Conhecimento	Socioemocional	Observação
2.Pensamento Científico, Crítico e Criativo	Prática	Sentimento
3.Repertório Cultural	Cognitiva	Necessidade
4.Comunicação	-	Pedido
5.Cultura Digital	-	-
6.Trabalho e Projeto de Vida	-	-
7.Argumentação.	-	-
8.Autoconhecimento/Autocuidado	-	-
9.Empatia e Cooperação	-	-
10.Responsabilidade e Cidadania	-	-

No processo da CNV, o primeiro passo é o olhar atento, o observar neutro e silencioso. Ao olhar para dentro de si, a pessoa pode perceber-se melhor como ser humano, que, assim como todos os outros, tem sentimentos, necessidades e desejos. A competência 08 da BNCC (reproduzida anteriormente, juntamente com as demais) trata especialmente disso, ao estabelecer como objetivo que os alunos possam conhecer-se, apreciar-se, cuidar-se e compreender-se. A “capacidade de lidar” adequadamente com as emoções é também destaque nessa competência da BNCC. Essa mesma capacidade, como indicamos, é um dos componentes específicos da CNV.

O cuidado e o respeito ao outro, a responsabilidade ética e social, são fundamentos da CNV e constituem objetivos de desenvolvimento pessoal, como se vê nas três capacidades gerais que sintetizamos em relação a essa abordagem. Na BNCC, essa preocupação está presente em todas as dez competências gerais, mas é o foco daquelas de números 09 e 10. Ao tratar de empatia, a competência 09 utiliza talvez o conceito mais caro à CNV, que também é chamada de Comunicação Empática, noção essa que é abordada com profundidade por Rosenberg. (MASCAGNI,2021. Pág. 37).

A BNCC traz questões que auxiliam a elevar a qualidade do ensino nas escolas e portanto, permite uma educação mais consistente e capaz de empoderar os alunos para além das competências básicas, ou seja, as práticas pedagógicas devem ir além do modelo conteudista de educação e assegurar a formação dos alunos em uma dimensão social e emocional atuando como guia socioemocional para a aprendizagem, onde os objetivos e habilidades são as aptidões desenvolvidas ao longo de cada etapa de ensino, também orienta que todas as escolas brasileiras devem incluir as habilidades socioemocionais em seus currículos para assegurar o processo de formação integral dos estudantes. Essas competências socioemocionais envolvem habilidades como pensamento crítico, imaginação, estabilidade emocional, empatia, disciplina, curiosidade, responsabilidade, entre muitas outras (BNCC,2017).

Rosenberg define empatia como uma “compreensão respeitosa do que os outros estão vivendo” (ROSENBERG, 2006, p. 133) e diz que uma verdadeira escuta “requer que se concentre plenamente a atenção na mensagem da outra pessoa. Damos ao outro o tempo e espaço de que precisam para se expressarem completamente e sentirem-se compreendidos” (ROSENBERG, 2006, p. 134). Para uma professora, saber escutar é uma habilidade essencial a ser desenvolvida, uma vez que é através dela que conseguimos nos conectar com os outros e investigar verdadeiras necessidades. Rosenberg defende que “quanto mais escutarmos os outros, mais eles nos escutarão” (ROSENBERG, 2006, p. 209) e que “quando escutamos os sentimentos e necessidades da outra pessoa, reconhecemos nossa humanidade em comum” (ROSENBERG, 2006, p. 211).

A CNV auxilia na promoção de empatia, ajuda na construção de ambientes acolhedores e na mediação e resolução pacífica de conflitos, bem como redução de agressões verbais e físicas, promove relacionamentos saudáveis com abertura para diálogos e fortalecimento das relações, Rosenberg também afirma que “desenvolver um vocabulário de sentimentos que nos permita nomear ou identificar de forma clara e específica nossas emoções nos conecta mais facilmente uns com os outros” (ROSENBERG, 2006, p. 76).

...mesmo deixando claro que o trabalho com a linguagem na CNV é apenas uma parte do processo, um instrumento para a consecução de um objetivo

maior, a transformação das pessoas e das suas relações, Rosenberg (2006, p. 21-22) destaca o papel crucial que este instrumento exerce e dá a ele grande destaque no seu esquema metodológico. Apesar de priorizar a linguagem verbal, o autor em diversas situações esclarece que a comunicação, tanto violenta quanto não violenta, ocorre frequentemente por meio de posturas físicas, de gestos e mesmo com o uso do silêncio.

A prática da CNV vai ao encontro de Freire (1987) quando ressalta que:

Nosso papel não é falar ao povo sobre a nossa visão do mundo, ou tentar impô-la a ele, mas dialogar com ele sobre a sua e a nossa. Temos de estar convencidos de que a sua visão do mundo, que se manifesta nas várias formas de sua ação, reflete a sua situação no mundo. (FREIRE, 1987, p. 87).

É de suma importância que o professor assuma uma postura equilibrada pois assim evitará possíveis conflitos. Alves (2001, pag.27) cita Nietzsche que dizia: “A primeira tarefa da educação é ensinar a ver, ver é coisa complicada, não é função natural, precisa ser aprendida”. O professor precisa ter um olhar indutor de conhecimento; os alunos sentem quando a aula está sendo dada com entusiasmo e seriedade, e não por obrigação; eles percebem isso desde a chegada do professor à escola.

Analisando melhor, constatamos que a responsabilidade, a cooperação e a autodisciplina não podem ser transmitidas aos alunos autoritariamente. Certos conceitos devem ser construídos por ela a partir de suas próprias experiências diárias. É preciso que o professor tenha sempre em mente que ensinar é um gesto de amor, é um gesto de generosidade de sabedoria; ele precisa estar constantemente aperfeiçoando para evoluir conforme evoluir a humanidade e, com ela, nossos jovens e crianças. Para Surdi,

O olhar para os professores não é apenas vislumbrar, no sentido de visão, mas, assim como a corporeidade, o olhar aqui encontra uma forte conotação de estrutura, de atribuir sentimento, ser olhado como digno de sujeito capaz (Surdi, 2001, pag. 197).

O professor que percebe o reconhecimento do sucesso pessoal de seus alunos, desenvolvendo o seu trabalho a partir das potencialidades individuais. Nesse sentido, O Guia de Práticas Circulares (2011) aponta que:

Os jovens que batalham na escola com poucos sinais de sucesso, buscam caminhos alternativos para sua realização, especialmente aqueles que sejam valorizados pelos seus pares. De certa forma, eles se dedicam em “serem bons em serem maus”. (BOYES-WATSON, 2011, p. 271)

O olhar do professor deve transmitir aos seus alunos um investimento acolhedor, para que eles cresçam e se desenvolvam como seres humanos capazes de criar e inovar suas próprias ideias. Por isso Caierão diz: “de uma forma ou outra, o mestre transmite a todos os seus discípulos o seu sentir, ou seja, a imagem e o conceito que faz a respeito de cada um” (1993, pag. 99).

Acreditando em si mesmo, o desempenho do aluno será bem-sucedido, pois construirá sentimentos de valor, de ser querido como pessoa, será estimulada nos sentidos de ser amado, porque todos precisam se sentirem amados e valorizados.

Na BNCC, o professor é peça-chave nesse processo de adequação. Além de conhecer na íntegra o documento, ele deve refletir sobre a aplicação das diretrizes da BNCC na escola e na sala de aula – espaço que não pode ser mais bem avaliado senão por ele. O professor também, tem um papel de destaque muito grande em relação a CVN, pois na BNCC ele é peça fundamental para o desenvolver dessas técnicas e habilidades, onde ele aprende e ensina ao mesmo tempo. Sendo assim, a Comunicação Não-Violenta é essencial para a rotina de uma escola, e o melhor caminho para praticá-la é através de uma escuta ativa, para que as necessidades sejam ouvidas, compreendidas e atendidas.

A Comunicação Não-Violenta também é capaz de oferecer autonomia e desenvolver a habilidade de compreender e lidar com os sentimentos ajudando alunos e professores a olharem para o conflito “de fora”, sem julgamentos e entender como se sentiram naquele momento, para então resolverem com um diálogo pacífico e justo possíveis conflitos, dando oportunidade para que todos os lados sejam ouvidos, fazendo com que compreendam as suas necessidades naquele momento e quais os sentimentos que essas necessidades, atendidas ou não, geram, para então chegarem na solução final, calmamente. Sendo assim, a CNV pode ser usada dentro da sala de aula como método base para as interações sociais e também em atividades relacionadas à resolução de problemas, como a redução do *bullying*, na melhoria do ambiente escolar, no desenvolvimento das habilidades futuras, diminuindo os casos de violências.

Mediante a essa exposição é importante considerar a aplicação da CNV na Base Nacional Comum Curricular, pois as mesmas têm grandes ligações, ambas estimulam as habilidades socioemocionais dos alunos em todas as suas competências gerais, onde os alunos precisam desenvolver a inteligência emocional e a Comunicação Não Violenta é a chave para aplicar isso dentro e fora da sala de aula, onde pais, alunos e professores terão vantagens, pois entenderam melhor sua jornada educacional.

3 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Mediante o exposto nesse trabalho e corroborando com todos os itens aqui dispostos, é possível verificar que a metodologia da Comunicação Não-Violenta conversa de forma íntima com as competências gerais definidas no documento da Base Nacional Comum Curricular e de tal forma, ambas mostram-se importantes dentro do processo de aprendizagem.

Ao aplicarmos a CNV na BNCC abrimos espaços para melhoria da comunicação escolar, sabemos que as dez competências da Base Nacional Comum Curricular falam sobre o socioemocional ou inteligência emocional, então, a CNV é a chave para aplicarmos essas habilidades.

Além disso, outro ponto importante e amplamente defendido por ambas é o diálogo, a forma como nos comunicamos fala muito sobre quem somos e sendo assim, uma escuta empática com o foco na compreensão e no entendimento dos sentimentos do outro, desempenha papel fundamental no ambiente escolar.

Ainda que indiretamente vemos muitas formas de influência das nossas emoções e sentimentos quando estamos em contatos com outras pessoas e, por isso, tratar todos de forma igual e com base no respeito se faz necessário para que as convivências sejam pacíficas.

Durante a prática dentro da sala de aula, enquanto em estágio pelo curso de Licenciatura em Ciências Sociais pude observar com clareza as influências que uma condução empática dos conteúdos em sala de aula pode oferecer. E através dessa perspectiva consegui acessar um conhecimento ainda maior sobre como nossos sentimentos podem guiar nossas atitudes e nossas decisões.

Os alunos quando ouvidos, sentem que sua opinião é importante e dessa forma se sentem seguros para expressar seus sentimentos. Ainda em sala de aula, tive a possibilidade de aplicar a metodologia da Comunicação Não-Violenta e a diferença de tratamento recebido pelos alunos foi notável. Quando você escuta, dialoga, expõe sua opinião e permite que o aluno também seja notado, você está incentivando esse ser humano a desenvolver sua racionalidade, o seu senso crítico e de posicionar-se enquanto indivíduo, sempre respeitando sua individualidade e de forma que sua evolução seja constante.

Em outro sentido, entender o funcionamento das emoções dos alunos, compreendendo que muitas vezes são respostas inconscientes e puramente sentimentais que nos darão, quando sentem um aroma conhecido, lembram de algum episódio marcante, deixam sangrar novamente feridas, facilita a conexão entre professor e estudante. Se você

sabe que algo está ferindo o outro, você provavelmente não fará mais aquilo. Esse é o seu papel como ser humano: entender, amar e respeitar o seu próximo!

Ademais, abre-se a possibilidade de desenvolvimento de novas pesquisas que levem a fundo como a Comunicação Não-Violenta pode aproximar relações, atingir nossas emoções e corroborar com nossos sentimentos, a fim de desenvolver o aluno como um ser humano empático, com posicionamento e que sabe dialogar da forma correta com seus convívios (familiares, colegas, amigos, a comunidade em geral, etc.).

REFERÊNCIAS

- ABED, Anita Lilian Zuppo. **O desenvolvimento das habilidades socioemocionais como caminho para a aprendizagem e o sucesso escolar de alunos da educação básica.** São Paulo: UNESCO/MEC, 2014.
- ALVES, Rubens. **A escola com que sempre sonhei sem imaginar que pudesse existir.** 2. ed. São Paulo: Papirus, 2001
- ASSMANN, Hugo. **Metáforas novas para reencantar a educação.** Epistemologia e didática. 3. ed. São Paulo: Editora Unimep, 2001.
- ASSMANN, Hugo. **Paradigmas educacionais e corporeidade.** 3. ed. São Paulo: Editora Unimep, 1995
- Bauman, Z.** (2002). *Modernidade líquida.* S.L. Fondo de Cultura Económica de España. Madrid: España.
- BELFER, J.; MUGUIRA, S. The impact of positive emotions on children. *European Journal of Applied Positive Psychology*, v.1 (2), 2017
- BODART, Cristiano das Neves; ROGÉRIO, Radamés de Mesquita (Orgs.). **A importância do ensino das Ciências Humanas:** Sociologia, Filosofia, História & Geografia. Maceió-AL: Editora Café com Sociologia, 2020.
- BORDENAVE, Juan Díaz E. *O que é comunicação.* São Paulo: Brasiliense, 2005.
- BOYES-WATSON, C. *No coração da esperança: guia de práticas circulares: o uso de círculos.* Porto Alegre: Tribunal de Justiça do RS. Departamento de Artes Gráficas, 2011.
- BRANDEN, Nathaniel. **Auto-estima e os seus seis pilares.** 2. ed. Sao Paulo: Saraiva, 1996.
- BRANDEN, Nathaniel. **Auto-estima:** como aprender a gostar de si mesmo. 37. Ed. São Paulo: Saraiva, 2000.
- BRASIL. Ministério da Educação. Conselho Nacional da Educação. Base Nacional Comum Curricular: educação é a base. Brasília: MEC, 2017. Disponível em: <https://baseanacionalcomum.mec.gov.br/images/BNCC_EI_EF_110518_versaofinal_site.pdf>. Acesso em: 10 set. 2022.
- BROWN.C. Brené. **Pensador.** Frases doederlein/. Acesso em: 1 dez. 2022.
- CAIERÃO, Iara. **A criança da periferia, enquanto trabalhador alunos, a relação entre a vida da escola e a escola da vida.** Rio Grande Do Sul. 1993.
- CHIAVENATO, Idalberto. *Fundamentos de Administração: os pilares da gestão no planejamento.* 2. ed. São Paulo: Atlas, 2000.
- COSENZA, R.M.; GUERRA, L.B. **Neurociência e Educação:** Como o cérebro aprende. Porto Alegre: Artmed, 2011.

CURY, A. (2016). El código de la inteligencia. Zenith. Buenos Aires: Argentina

FERNÁNDEZ, Alícia. **Inteligência aprisionada: abordagem psicopedagógica clínica da criança e sua família.** 2.ed. Porto Alegre: Artes Médicas, 1991.

FERREIRA, Aurélio Buarque de Holanda. Dicionário Aurélio da língua portuguesa. 5. ed. São Paulo: Positivo, 2010.

FONSECA, V. **Importância das emoções na aprendizagem: uma abordagem neuropsicopedagógica.** Rev. Psicopedagogia; v.33(102), p.365-384, 2016.

FREIRE, P. Pedagogia do oprimido. São Paulo: Paz e Terra, 1987.

FRIED, L. Teaching Teachers about Emotion Regulation in the Classroom. Australian Journal of Teacher Education, v.36(3), 2011.

GOLEMAN, Daniel. **Inteligência emocional: a teoria revolucionária que define o que é ser inteligente.** Rio de Janeiro: Objetiva, 2001.

HOUAISS, A. Dicionário on line de português. Disponível em: <<https://www.dicio.com.br/houaiss/>> Acesso em: 05 jan. 2023.

INSTITUTO AYRTON SENNA. **Competências Socioemocionais: material de discussão.** 2014. Disponível em: https://institutoayrtonsenna.org.br/content/dam/institutoayrtonsenna/radar/estante-educador/COMPET%C3%80NCIAS-SOCIOEMOCIONAIS_MATERIAL-DE-DISCUSS%C3%80O_IAS_v2.pdf. Acesso em: 15 nov. 2022.

JODOROWSKY, Alejandro. **Pensador.** Frases 2017. Disponível em: <<https://www.pensador.com/frase/MTU2MDg0MQ/>>. Acesso em: 21 nov. 2022.

KANDEL, E. R. *et al.* **Princípios de Neurociências.** 5. ed. Porto Alegre: AMGH, 2014.

KRISTEVA, Júlia. História da linguagem. Lisboa, Edições 70, 2014. ISBN 9789724414171. 336 p

HASCHER, T. Learning and Emotion: perspectives for theory and research. European Educational Research Journal, v.9, n.1, p.13-28, 2009.

KUHN, Thomas S. **A Estrutura das Revoluções Científicas**, 1962. São Paulo: Perspectiva
MASCAGNI, W.I. et al. A Comunicação Não Violenta e as competências gerais da Base Nacional Comum Curricular. Revista Educação, Batatais, v. 11, n. 1, p. 27-39, jan. /jun.2021

MASER, S. Fundamentos de teoria geral da comunicação: uma introdução a seus métodos e conceitos fundamentais, acompanhada de exercício. São Paulo, EPU/EDUSP, 1975, p. 1-9.

MEDEIROS, João Bosco. Português Instrumental: contém técnicas de elaboração de trabalho de conclusão de curso (TCC). 9. ed. São Paulo: Atlas, 2010.

MICHAELIS. Moderno Dicionário da Língua Portuguesa. 2015. Disponível em: <<https://michaelis.uol.com.br/moderno-portugues/busca/portugues-brasileiro/comunica%C3%A7%C3%A3o/>>. Acesso em: 12 out. 2022.

MOTTA, Ana Paula Fernandes da Silveira. **Habilidades socioemocionais na prática educative: relato de experiencia de professores sobre suas atitudes na relação pedagógica.** Educere.2017

ORNELL, F. *et al.* “Medo pandêmico” e COVID-19: ônus e estratégias de saúde mental. Braz. J. Psychiatry. São Paulo, v. 42, n. 3, p.232-235, junho, 2020. Disponível em: <<https://doi.org/10.1590/1516-4446-2020-008>>. Acesso em: 22 de out. de 2022.

PEREZ, Tereza. BNCC: **A Base Nacional Comum Curricular na prática da gestão escolar e pedagógica.** — São Paulo: Editora Moderna, 2018.

POLICARPO JR., J. **Cultura: sentidos da formação humana para o indivíduo e para a sociedade.** In: POLICARPO JUNIOR, J. (Org.). O Pensar, o sentir, o agir: sentidos da formação humana. Recife: Instituto de Formação Humana, 2010.

PLACCO, Vera M. N.; ALMEIDA, L. R. (org.). O Coordenador Pedagógico e a Legitimidade de sua Função. São Paulo: Loyola, 2017.

RANIERI, L. P. & BARREIRA, C. R. A. A empatia como vivência. Memorandum, 23, 12-31, 2012. Disponível em: <<https://periodicos.ufmg.br/index.php/memorandum/article/view/6553>> Acesso em: 05 jan. 2023.

RELVAS, M. P. **Sob o comando do cérebro:** entenda como a Neurociência está no seu dia a dia. Rio de Janeiro: Wak Editora, 2018.

ROSENBERG, M. B. Comunicação Não-Violenta: técnicas para aprimorar relacionamentos pessoais e profissionais. São Paulo: Ágora, 2006.

SALTINI, Claudio J.P **Afetividade e inteligencia.** 3. Ed. Rio de Janeiro: DP&A, 1999.

SILVA, Itamar M.; OLIVEIRA, Eduardo A. M. (org.). Práticas de Coordenação Pedagógica na escola pública. Curitiba: Appris, 2017.

SUPERA, UNIVERSIDADE,2020. **Você sabia que a ciência pode explicar a empatia?** Disponível em: <[Acesso em: 22 nov. 2022.](https://www.hojemais.com.br/aracatuba/noticia/seu-negocio-aracatuba/voce-sabia-que-a-ciencia-pode-explicar-a-empatia#:~:text=A%20neuroci%C3%Aancia%20explica%20que%20o%20ato%20de%20ter,dependem%20do%20bom%20funcionamento%20de%20certas%20regi%C3%B5es%20cerebrais.>></p>
</div>
<div data-bbox=)

SURDI, Bernardete M.M. **Corporiedade e aprendizagem:** olhar do professor. Ijuí: Unijuí, 2001

WORLD HEALTH ORGANIZATION. Depression and Other Common Mental Disorders: global health estimate. Geneva: World Health Organization, 2017. Disponível em: <https://www.who.int/mental_health/management/depression/prevalence_global_health_estimates/en/>. Acesso em: 20 de out. de 2022.

YOUTUBE. O Poder da Empatia (Animações RSA) – Dr. Brené Brown. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=Q6rAV_7J5T0>. Acesso em: 20 nov. 2022.